

“ELA DRIBLOU O FOGO” trajetórias de mulheres evangélicas subversivas

Thaís de Oliveira Costa⁸⁵

Resumo

Este ensaio é fruto da minha monografia de conclusão de curso e parte dos questionamentos acerca das noções de gênero e poder no âmbito pentecostal. O texto trata da trajetória de duas mulheres evangélicas subversivas que ocuparam esse lugar de contraposto ao androcentrismo da igreja evangélica Assembleia de Deus, fundada em 1911, em Belém e que atualmente está presente em todos os estados brasileiros. Trata-se de uma instituição que reserva às mulheres papéis colaborativos não permitindo que estas ascendam na hierarquia eclesiástica. Esse fator endossa a postura androcêntrica da igreja que, em seus 110 anos de fundação, nunca consagrou mulheres aos cargos de liderança eclesiástica, mesmo tendo uma mulher como pioneira. Partindo de um aporte teórico baseado na *escrevivência*, como propõe Conceição Evaristo, trago a este texto a trajetória de minha avó Maria de Neves que foi mãe solo na década de 1950 e criou sete filhos trabalhando na roça e de minha mãe, Maria Aldeci, que “driblou o fogo” para cursar a universidade em busca de melhorias para os filhos. Essas duas mulheres construíram suas trajetórias subversivas dentro e fora da igreja evangélica Assembleia de Deus traçando rotas de fuga através da educação.

Palavras-chave: Escrevivência; Gênero; Pentecostalismo; Amazônia; Assembleia de Deus

⁸⁵ Mulher preta amazônida, mestranda em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA) com pesquisa na linha de Religião e saúde, simbolismo e poder. Bolsista Capes. E-mail: thaiscosta126@gmail.com. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2451769183753977>>

1. INTRODUÇÃO

Antes de adentrar nas narrativas das mulheres que norteiam a existência deste texto é necessário pontuar algumas questões sobre o processo de colonização pentecostal na Amazônia. De antemão, ressalto que meu objetivo não é discorrer sobre a historiografia da igreja, de como se entranha na Amazônia, mas de utilizar alguns elementos que compõem sua estrutura e são latentes até hoje na vida de mulheres que frequentam a igreja.

Segundo pesquisadores da Assembleia de Deus, os primeiros 40 anos da igreja são fortemente marcados pela mensagem de caridade e amor ao próximo. Seus membros sumariamente pertenciam às classes baixas e, na maioria, eram mulheres (Freston 1993, Oliveira 2015), que foram de suma importância para a consolidação da instituição e estiveram junto aos missionários pioneiros, dando suporte, ensinando nas escolas bíblicas e exercendo cargos de liderança. Segundo Vilhena (2016), nesse período, a liderança nacional da igreja enfrentava um processo de desavenças provocados pelo androcentrismo dos pastores que não aceitavam a liderança de uma das pioneiras, Frida Vingren, o que culminou não só no processo de desligamento da missionária da referida igreja, como na construção de doutrinas que socializam os corpos femininos para serem colaboradores do “trabalho do Senhor”, bem como do uso moralista da bíblia para impedir que mulheres não crentes casassem com homens crentes.

Nesse contexto trago a história de duas mulheres subversivas, vovó e mamãe, “socializadas” na igreja através do matrimônio, mas que construíram suas rotas de fugas frente a opressão que assola os corpos das mulheres negras pentecostais. Ressalto que este texto faz parte do que denominei como “testemunho” e é parte da introdução da minha dissertação que, neste momento, está em processo de qualificação. E como mecanismo de entrelace entre as histórias dessas mulheres e os aportes teóricos, uso da escrevivência, que para Evaristo:

O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e babás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e

escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências. (Entrevista concedida a PUCRS, 2019)⁸⁶

2. EU SOU O SONHO DAS MINHAS ANCESTRAIS

“A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos de uma infância perdida
A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela”
(Evaristo 2021)



Figura 1 – Da esquerda para a direita, tia Branca, tia Sueli, dona Preta (mamãe)⁸⁷, tia Dalva, tia Leonice e vovô Messias. Foto: Autora (2019)

⁸⁶ Disponível em: < <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/> > Acesso em 24/01/2022.

⁸⁷ Ao me referir à Dona Preta utilizarei o termo “mamãe”, foi dessa forma que ela nos ensinou a chamá-la como sinal de respeito.

Eu nasci e me criei em um teto pentecostal. Minha mãe Maria Aldeci, conhecida como Dona Preta, se converteu quando se casou com meu pai e, na infância, experienciou a vivência na igreja, mas por um curto período, pois um acidente a deixou com uma deficiência nos pés, levando-a para longe tanto da família quanto da igreja. Mamãe ensinou a mim e minhas irmãs que a ancestralidade é algo sagrado. Como eternizou Jurema Werneck (2010) “nossos passos vêm de longe”. Reafirmo isso dizendo que minha história começa lá atrás, com minha bisavó Maria Luisa Martins, fugindo dos conflitos na região de várzea do rio Amazonas e indo para a aldeia de Ipaupixuna⁸⁸ com seus dois filhos, Maria de Neves e Henrique.

Maria de Neves é minha avó e eu não a conheci, pois ela faleceu muito antes do meu nascimento. Mamãe conta que foi uma grande mulher, criou sete filhos como mãe solo, pois os maridos que teve eram preguiçosos e desde muito nova trabalhava para garantir o sustento das crianças. Mamãe e minha tia Aldezira, conhecida como Branca, são as caçulas dos sete filhos, elas são gêmeas e nasceram em 1967. Mamãe conta que naquela época era difícil o acesso à cidade, para chegar a Santarém o percurso era de 3 dias a cavalo. Quando chegou o tempo de nascimento da mamãe e titia, minha bisavó acionou as parteiras da comunidade, dona Neca e dona Elisa. Elas nasceram de parto normal no final de junho daquele ano e foram amadrinhadas pelas parteiras que a trouxeram ao mundo. Tia Branca foi amadrinhada por dona Elisa e seu companheiro e mamãe por dona Neca e seu esposo Nazário.

Segundo os relatos de mamãe e tia Branca, a infância delas foi com escassez, mas a fome nunca chegou ao lar de dona Neves, pois ela era mulher de fartura, criava muita galinha e plantava roçado para alimentar os filhos e conseguir uma renda extra. O roçado até hoje é o meio de sobrevivência de muitos moradores de Ipaupixuna, mas segundo mamãe, na década de 1970 era mais difícil. Então, minha avó tinha que deixar as crianças em casa para cumprir com as demandas da roça. Em uma das idas de minha avó ao trabalho, minha tia Zeca, a mais

⁸⁸A aldeia Ipaupixuna está localizada no km 24 da PA 370 e compõe o território Munduruku do Planalto. Esse território ainda não foi demarcado pelo Governo Federal e enfrenta inúmeros conflitos com sojicultores da região. Na época em que minha mãe nasceu, o processo político para demarcação ainda era algo inalcançado pelos moradores. O território atualmente encontra-se autodemarcado. Disponível em: <<https://amazoniaconflitos.com.br/wp-content/uploads/2019/12/beira-especial-006-visualizacao> > Acesso em 26/01/2022.

velha dos sete filhos, se descuidou de mamãe e tia Branca e elas saíram para brincar no roçado recém-queimado⁸⁹.

Nessa época as duas caçulas de vovó Neves tinham um ano e cinco meses de idade e ao saírem do campo de visão da tia Zeca decidiram brincar de “pira-se-esconde” nas cinzas das coivaras. Longe dos olhos de todos, pulavam de um canto a outro no meio dos troncos de árvores e as cinzas da roça, a inocência das duas pequenas não mediu que, debaixo das cinzas, ainda existiam brasas e foi ali que minha mãe caiu. Minha tia ficou presa a galhos secos e não chegou a tocar o chão, mas minha mãe sofreu queimaduras tão latentes que ali mesmo perdeu um de seus dedos do pé direito. Ela começou a gritar, despertando minha tia Zeca, que saiu atrás de minha avó para retirar mamãe do meio das cinzas.

Mamãe conta que passou sete dias até chegar ao hospital e, quando chegou, já não tinha como salvar os dedos do pé direito e alguns do esquerdo, passando muito tempo internada até reaprender a andar. Quando voltou a andar já tinha aproximadamente seis anos de idade, mas sua vida agora com uma deficiência ficara difícil no Ipaupixuna, pois sentia muitas dores ao andar no chão de barro e minha avó não tinha condições financeiras para comprar calçados adequados. Dona Neves era uma mulher jovem e amava dançar, um pouco depois que minha mãe se recuperou do acidente, minha avó deixava-a e as outras crianças, aos cuidados de minha bisavó e ia dançar nos festejos de Ipaupixuna. Ela trabalhava duro na roça durante o dia e à noite saía para se divertir e aliviar a vida dura que levava.

Na década de 1970, minha avó começou a trabalhar na casa de farinha de seu Bruno Betcel, dono de muitas terras na comunidade e pai de quem, posteriormente, seria seu companheiro: seu Messias, que era o caçula de oito filhos. Maria de Neves estava em busca de uma renda melhor para custear o sustento dos seis filhos, visto que era mãe solo, pois seu último marido, pai biológico de minha mãe e tia Branca, a deixara quando minha mãe teve que ser internada no hospital. Minha avó iniciou um relacionamento com seu Messias, mas esse relacionamento não agradou a família, levando à demissão de dona Neves e o

⁸⁹ Na Amazônia, a queimada é muito comum no preparo da terra para o plantio. Geralmente, antes de queimar, acontece a broca, onde as árvores são derrubadas e, na sequência, é lançado fogo em tudo. Depois desse processo ainda restam alguns galhos e pedaços de raízes que são enfileirados em pequenos montes para serem queimados novamente, sendo esse último processo conhecido como coivara.

deserdamento do seu companheiro. Nessa época, seu Messias, meu avô, tinha 25 anos e passou a trabalhar com minha avó para sustentar as crianças.

Meu avô me relatou que quando se “juntou” com minha avó sofreu represália de sua família pelo fato dela ser mãe solo e independente, despertando o moralismo da família. Ele era membro da igreja evangélica Assembleia de Deus e isso acirrou as repressões, visto que minha avó gostava de dançar e era fumante. Ele conta que não demorou muito para ela entrar na igreja, e em nossa última conversa ele me relatou que um ano depois que eles se casaram, ela “aceitou a Jesus” através de missionários que andavam na região e, posteriormente, passou a ser integrante do círculo de oração, embora continuasse fumando às escondidas.

Um pouco depois de mamãe completar 11 anos, minha avó decidiu “dá-la como filha” para a irmã de meu avô Messias. Ela se chamava Sueli e morava na cidade de Santarém. Minha mãe conta que, nesse período, ela estudava em um turno e no outro trabalhava com vendas de cosméticos e recebia uma comissão por isso. Quando minha mãe fez 12 anos, foi morar com outra tia para trabalhar em troca de roupa, comida e estudos. Aos 14 anos, foi novamente “dada como filha”, dessa vez para um casal que morava em Belém e estava de férias no oeste do estado. Eles costumavam ir ao Ipaupixuna para desfrutar dos igarapés e da culinária local e nessas idas fizeram amizade com minha avó Neves. Por ser uma mulher de interior e confiar na “palavra” do casal, minha avó decidiu incentivar a ida de minha mãe para a capital, a promessa era que ela estudaria e teria mais oportunidades de emprego.

Todavia, o que era para ser uma oportunidade de melhorar de vida tornou-se um pesadelo, minha mãe viveu em situação análoga à escravidão, e guarda muitas dores desse período, e em respeito a isso, não pretendo me alongar nos detalhes. Ela viveu com essa família por quatro anos até o dia em que decidiu fugir e passou a ser trabalhadora doméstica de uma gerente de banco.

Mamãe conta que quando fugiu, as coisas começaram a melhorar, ela passou a ser assalariada e conciliava o trabalho com seus estudos. Ela trabalhou como doméstica por 3 anos, mas decidiu voltar ao Ipaupixuna porque minha avó estava muito doente e minha mãe temia que a vovó partisse sem despedir-se dela. Ela retornou ao Ipaupixuna tendo concluído

o primeiro ano do ensino médio e, tempos depois, passou a ser professora da educação infantil na comunidade.

Dona Preta sempre foi uma mulher linda e inteligente, ela conta que quando saiu da casa onde era escravizada passou a conhecer de fato a cidade de Belém. Ela, como minha avó Neves, amava dançar até o amanhecer. Contudo, ao retornar ao Ipaupixuna, conheceu um viúvo por quem se apaixonou e casou-se, sem a bênção de meu avô, que não via a união com bons olhos. Meu avô avistou o futuro de tentativa de controle que minha mãe sofreria nos anos seguintes e foi o que aconteceu. O primeiro ato após o matrimônio foi a conversão à Assembleia de Deus, que veio com regras de vestimentas e exclusão de fotos onde minha mãe usava roupas “não crentes”⁹⁰. Todavia minha mãe tinha na veia “sangue de maranhense”, como ela diz, e construiu seus caminhos subversivos através da educação e, a igreja, era seu espaço de sociabilidade. Ela está lá até hoje, mas afirma ser uma “mulher rebarbada”.

Depois de casada, minha mãe mudou-se para a comunidade de Tingu, vizinha a Ipaupixuna, onde trabalhava e cuidava da roça e de meus cinco irmãos, filhos do casamento anterior de meu pai. Ela andava quilômetros até a escolinha onde lecionava e, quando não estava em sala de aula, estava no igapó, apanhando açaí ou na roça. Dona Preta se descreve como uma mulher trabalhadora que sempre garantiu seu sustento e não gosta que sua história seja narrada com teor de sofrimento, então deixarei os acontecimentos ruins desse período fora do testemunho.

Em 1992 minha avó faleceu, vítima de um câncer no estômago. Ela não chegou a conhecer a mim e meus irmãos, nem viu minha mãe realizando seu sonho de ser professora formada, mas seu legado é presente em nossas memórias e caminhadas. Minha mãe relata que minha avó sempre queixou-se de dores no estômago, mas, na época, o acesso às políticas públicas de saúde era muito difícil e só acessavam o serviço de saúde quando os profissionais iam até a comunidade. Dessa forma, quando minha avó conseguiu condições financeiras para ir ao médico, o caso já estava avançado.

⁹⁰ Os ditames doutrinários da igreja são conhecidos pelo rigor no uso de roupas longas e diferenciadas para homens e mulheres, essas questões estão sendo desenvolvidas na minha pesquisa de mestrado.

A paixão pela docência e a vontade de garantir um futuro diferente reacendeu em minha mãe a vontade de aprimorar os estudos e foi através do projeto Gavião II⁹¹, criado pela Universidade Federal do Pará em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC), que minha mãe conseguiu terminar o ensino médio já no ano de 1994. Nesse mesmo ano ela adotou minha irmã mais velha, Samilles, e a família toda mudou-se do Tiningu para o Ramal da Moça, outra comunidade do planalto santareno distante 48 quilômetros da cidade. A mudança foi brusca, pois minha mãe estaria longe de meu avô e meus tios que moravam em Ipaupixuna e precisou pedir demissão da escola onde lecionava. Na época, meu pai trocou as terras de Tiningu, pois segundo ele era ruim para a criação de gado devido às serras. No Ramal da Moça a terra era plana, propiciando as condições ideais para o sustento do gado durante o inverno, alternando com os períodos mais escassos do verão, onde a boiada era conduzida até o único terreno na área de várzea que ainda pertencia ao meu pai.

Ao chegar no Ramal da Moça, minha mãe foi à procura do ambiente da educação que lhe era tão necessário e familiar. Havia uma única escola na localidade que funcionava em um barracão da Igreja Católica. Minha mãe encontrou a escola fechada por falta de professor, então se reuniu com a comunidade e conseguiu reabrir o local. Ela levava minha irmã Samilles para as aulas, pois não tinha rede de apoio e dividia sua atenção entre dar aulas e cuidar da minha irmã. Nas férias escolares ia para Santarém, pois quando terminou o Gavião II, ingressou no Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (CEFET), que lhe outorgou licenciatura plena e magistério para dar aulas na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Ao todo foram nove anos estudando e nesse intervalo eu nasci, para ser mais exata em 5 de agosto de 1996.

Minha mãe conta que foi uma gravidez difícil, visto que enjoou durante toda a gestação. Ela conta que quando sentiu as “dores do parto” arrumou minhas roupas e as dela e foi de carona com um caminhoneiro até Santarém. Eu nasci de madrugada, cabeluda e desconfiada. Nessa época ela já havia concluído o Gavião II e já estava no CEFET. No

⁹¹ O Gavião II era organizado como habilitação para o magistério em nível médio, com oito etapas e duração de quatro anos.

período das aulas levava eu e Samilles para Santarém e nos deixava aos cuidados de nossa tia, enquanto estudava.

Quando completei dois anos e meio, minha mãe deu à luz minha irmã Isabelle, a ideia não me agradou muito, pois eu era muito apegada a ela e ainda era amamentada. Nesse tempo, meu primo Calebe, filho caçula da tia Branca, foi morar conosco. Ele é 10 anos mais velho do que eu e nessa época “cuidava” de mim. Digo isso porque éramos duas crianças e ele não tinha idade para cuidar de mim. Minha mãe levava todas nós e Calebe para a escola, me distraía com brinquedos, enquanto minha irmã caçula ficava dormindo em um carrinho de bebê. Nessa época Samilles já era alfabetizada.

Eu me emociono toda vez que acesso essas memórias, pois me remete a muitas coisas que nos foram negadas. Minha mãe não teve direito à maternidade, pois trabalhava muito e não conseguia trabalhar sem preocupações, também não tinha uma rede de apoio com quem pudesse nos deixar. Ela relata que quando crescemos um pouquinho passamos a ser cuidadas por Arnoldo, por apelido de Preto, que também é meu irmão e um dos cinco filhos do primeiro casamento de meu pai. Ele ficava conosco no período de férias enquanto minha mãe concluía o magistério. Em 2001, ela conseguiu o tão sonhado diploma de pedagogia. Minha avó não pôde estar presente, mas meu avô foi o paraninfo de mamãe e viu o sonho tornar-se realidade. Mamãe foi a primeira da família a ingressar e concluir o ensino superior.

bell hooks (2017) nos ensina que a educação é uma prática libertadora. Na sua vida e em seus escritos nos trouxe inúmeras ferramentas para tornar a sala de aula um campo de trocas. Mamãe não teve a oportunidade de ler bell hooks, tampouco minha avó, mas ambas enxergaram a educação como rota de fuga à submissão. Minha bisavó construiu suas rotas de fuga em busca de melhorias para os dois filhos; minha avó seguiu seus passos e deu prosseguimento ao seu feito; minha mãe conseguiu driblar o fogo, a fome, a escravidão e o patriarcado para transformar sua vida, a minha e a de meus irmãos através da educação.

3. CONCLUSÃO: “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”

“A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome”.
(Evaristo 2021)

Eu nasci e fui criada no sítio Santa Rita, no Ramal da Moça, a uma distância de 48 quilômetros do município de Santarém. Minha infância foi farta de muitas coisas. Em minha casa tinha tudo que eu considerava necessário, minhas bonecas, meus livros, meus animais de estimação e boas histórias que os irmãos da igreja contavam depois do culto. Eu sou a segunda de quatro irmãos do casamento de papai com minha mãe, mas ao todo somos 12 irmãos, contando os relacionamentos anteriores do meu pai.

No ramal moravam eu, meus pais, meu irmão Arnaldo, do primeiro casamento do papai, minhas irmãs Samilles e Isabelle. Nós tivemos uma infância de uma família pobre do interior, não tínhamos luz elétrica e nosso principal meio de transporte era uma carroça. Meu pai criava gado e minha mãe era e ainda é professora de ensino básico. Mamãe dava aulas durante a semana e aos finais de semana, cuidávamos das nossas plantações, fazíamos farinha de mandioca, vendíamos alguns alimentos na feira e, assim, minha infância foi acontecendo.

Eu digo que nasci em um teto pentecostal, pois como disse no tópico anterior, meu pai já era membro da igreja quando conheceu minha mãe e ela se converteu através do matrimônio. Um pouco depois do meu nascimento meu pai doou uma parte do terreno para a construção de uma nova igreja, visto que a antiga estava bastante deteriorada. Não tenho registros fotográficos da igreja, mas lembro da placa na fachada que tinha como lema “Casa de Oração da Assembleia de Deus”.

Meu pai auxiliava no trabalho da igreja e minha mãe era regente e solista do Círculo de Oração⁹². Minha infância foi norteadada pela igreja, lembro das limitações que meu pai impunha. Não podíamos usar shorts, anéis, pulseiras e muito menos jogar futebol, tudo isso era considerado pecados mortais por ele. No entanto, eu e minhas irmãs construimos nossas rotas de fuga e quando ele saía, fazíamos bolas de sacos plásticos e brincávamos no quintal.

⁹² Grupo formado por mulheres casadas da igreja evangélica Assembleia de Deus (Cf. Costa 2019).

Nesse período, estudávamos na escolinha que ficava na entrada do ramal, minha mãe era professora e dava aulas para duas turmas ao mesmo tempo. Como éramos crianças da mesma faixa etária, as turmas eram de segunda e terceira séries. Mamãe, além de professora, era a condutora dos alunos, visto que não tínhamos meios de transporte e nosso meio de locomoção era uma carroça conduzida por um burro. Nós achávamos uma grande brincadeira e nos divertimos muito no percurso até a escola.

Quando eu tinha nove anos, minha mãe foi transferida de escola e passou a dar aula na comunidade de Boa Esperança, a sete quilômetros do Ramal da Moça e quarenta e três quilômetros do município de Santarém. Eu, Samilles e Isabelle fomos com ela e a rotina mudou, pois passávamos a semana em Boa Esperança e os finais de semana no ramal. Nesse período eu queria ser professora de matemática e estudava com esse intuito.

Quando fiz 12 anos, minha mãe deu à luz ao tão sonhado filho homem que ela desejava: no dia 2 de abril eu me tornei irmã de Gabriel Brian, um bebê bochechudo, cabeludo e muito chorão. A partir daí assumi o posto de irmã mais velha, visto que minha irmã Samilles tinha ido embora de casa aos 15 anos. Eu estudava de manhã e à tarde, cuidava do meu irmão. O cuidar é algo muito presente na vida de mulheres negras, principalmente porque o racismo estrutural inviabiliza o acesso da população negra à direitos básicos e não possibilita que mulheres como minha mãe tenham acesso às creches ou babás para cuidarem de seus filhos. Dessa forma, eu e minha irmã Isabelle revezávamos o cuidado para com Gabriel.

Nesse contexto também entra um espaço muito importante para minha formação, a Igreja Assembleia de Deus. Aquele espaço simbolizava um espaço de trocas afetivas, pois ali construímos laços e crescemos exercendo funções. Na infância eu me intitulava pregadora, na adolescência fui tesoureira da igreja e minha irmã era solista do coral e, mais tarde, se tornou líder de louvor da juventude.

Todavia esse espaço também era conflituoso, pois quando minha mãe separou de meu pai tudo mudou, ela perdeu seus cargos, pois era inaceitável que uma mulher separada liderasse grupos de mulheres e passou a ser colocada na posição de doméstica na igreja, nomeada como chefe de refeitório. Mas, minha mãe sempre foi uma mulher subversiva, ela driblou o fogo, driblou a condição socioeconômica e dribla a igreja até hoje. Como pauta

Audre Lorde (1981), as mulheres negras fazem usos de sua raiva e eu usei minha raiva dos espaços androcêntricos da igreja para teorizar sobre gênero e poder na academia, minha mãe usou a dela para driblar a igreja e criar filhos para subverter o sistema patriarcal e racista.

Eu poderia pontuar muitas coisas sobre minha trajetória, mas quis exemplificar as mulheres que me construíram. Eu me formei em 2019 em Antropologia porque queria contar histórias de mulheres subversivas, no ano seguinte levando adiante a minha subversão, trouxe minha indignação para o mestrado, pois quando a gente escreve nossa história, nomeamos os sentimentos e nos tornamos autores de nós mesmos. Para finalizar deixo os últimos trechos do poema **Vozes-Mulheres** da grande intelectual Conceição Evaristo.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(Evaristo 2021)

Referências

- Costa, Thaís de Oliveira. 2019. Eu discordei de um cara: Um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança - Santarém/PA. Monografia - Curso de Bacharelado em Antropologia, Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- Evaristo, Conceição. 2019. “Esse lugar também é nosso”. *Entrevista concedida à Revista PUCRS*. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>
- _____. 2021. Vozes-Mulheres. In *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, p. 24-25
- Freston, Paul. 1993. Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Ciências Sociais, Campinas.
- Hooks, bell. 2013. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 1.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Lorde, Audre. 2019. *Irmã outsider*. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Oliveira, Marco Davi de. 2015. *A religião mais negra do Brasil: porque os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* 1.ed. Viçosa, MG: Ultimato.
- Vilhena, Valéria. 2016. Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940). Tese de Doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, São Paulo.
- Werneck, Jurema. 2010. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da ABPN*. 1 (1): 08-17.